

Unamuno e as dores da Espanha

Paulo Gadelha
Desembargador Federal do TRF da 5ª
Região

É uma verdade com a inexorável força dos axiomas: a Espanha doía a Miguel de Unamuno.

E o grande escritor basco, autor do exuberante ensaio – *Do sentimento trágico da vida* – é, por isso, a verdadeira imagem da resistência democrática espanhola.

Lembrei-me dele, recentemente, ao tentar civilizar a minha modesta biblioteca, quando me deparei com a sua obra – *A agonia do cristianismo* – que é, sem dúvida, uma espécie de bíblia do dogmatismo religioso, com um viés existencialista.

Unamuno, o magnífico reitor da secular Universidade de Salamanca, foi, o que se pode definir, um ser múltiplo e polivalente, cultivando, com engenho e arte, filosofia, jornalismo, religião, literatura, artes cênicas, poesia, sem olvidamento da sua consciência política, como homem de pensamento e de ação.

Por isso, valendo-me da sua história, homenageio a sua memória, agora quando, em dezembro do corrente ano, se completam 70 anos de sua morte.

Espírito inquieto, ele questionava valores que informavam o caráter da sociedade.

Daí, o discurso existencialista de sua vida.

Assim, depois de viver um clássico dilema entre fé e razão, persegue, com o ideal dos convertidos, uma saída para justificar a existência humana, abraçando a causa e a filosofia da religião cristã.

Aliás, todo o seu arsenal dialético é exposto de forma diáfana nos seus dois magistrais ensaios: *Do sentimento trágico da vida* e *A agonia do cristianismo*.

Depois, ressalte-se, o compromisso cívico-libertário de sua vida.

Idos de 1936. A pátria de Garcia Lorca, humilhada pelo domínio das botas fascistas, Miguel de Unamuno, reitor da Universidade de Salamanca, dá, à história e aos pósteros, uma lição de grandeza, democracia, patriotismo e amor aos postulados republicanos, que o general Franco e seus sequazes destruíram.

A cena aconteceu no salão nobre da Universidade de Salamanca, quando se comemorava o Dia da Raça.

Na sessão solene, o general Millán Astray, da linha de frente do fascismo, pede a palavra e grita, colérico: “Abaixo a inteligência! Viva a morte!”

De onde estava sentado, Unamuno contestou: “Este é o templo da inteligência. E eu sou o sacerdote mais alto. Sois vós que profanais este sagrado recinto. Ganhareis, porque possuíis mais do que a força bruta necessária. Mas não convencereis, porque para convencer é necessário persuadir. E para isso, vos faltam a razão e o direito em vossa luta”.

Desterrado para as Ilhas Canárias, e de lá para a França, de onde comandou a resistência.

Em Paris, um jornalista perguntou-lhe: “Que idéias o senhor dá para manter a força da resistência?”.

- Eu não dou idéias, não dou conhecimentos. Dou pedaços da alma.

Com alma e obstinação, a República venceu, e as dores da Espanha passaram.